

DIALETOLOGIA CONTATUAL: VARIAÇÃO LEXICAL DO PORTUGUÊS E DO KHEUÓL NA ÁREA INDÍGENA DOS KARIPUNA DO AMAPÁ

*CONTACTUAL DIALECTOLOGY: LEXICAL VARIATION OF PORTUGUESE AND KHEUÓL
IN THE INDIGENOUS AREA OF KARIPUNA DO AMAPÁ*

Romario Duarte Sanches¹

RESUMO: A região do Oiapoque, localizada no extremo norte do Estado do Amapá, é conhecida historicamente por agregar diferentes povos indígenas e não indígenas, caracterizando-se como uma área plurilíngue e pluriétnica. Tendo em vista essa situação, o objetivo principal desse estudo é mostrar a configuração da variação lexical do Português e do Kheuól, variedades faladas por indígenas da etnia Karipuna do Amapá. Como suporte teórico-metodológico utilizou-se o modelo de Dialetoologia Pluridimensional e Contatual (ALTENHOFEN; THUN, 2016), que busca controlar variáveis linguísticas e extralinguísticas. A pesquisa contou com a seleção de 36 informantes distribuídos em nove aldeias da etnia Karipuna. Para cada localidade foram entrevistados quatro informantes indígenas bilíngues. Os resultados apontaram para a interinfluência das variedades estudadas e a forte presença do léxico português amazônico como variedade dominante na área indígena dos Karipuna do Amapá.

Palavras-chave: Dialetoologia; contato linguístico; bilinguismo.

ABSTRACT: The Oiapoque region, located in the extreme north of the state of Amapá, is historically known for bringing together different indigenous and non-indigenous peoples, characterizing itself as a plurilingual and multi-ethnic area. Given this situation, the main objective of this study is to show the configuration of the lexical variation of Portuguese and Kheuól, varieties spoken by indigenous Karipuna do Amapá. As theoretical and methodological support was used the model of Pluridimensional Dialectology and Contatual (ALTENHOFEN; THUN, 2016), which seeks to control linguistic and extralinguistic variables. The survey included 36 informants from nine Karipuna villages. For each location, four bilingual indigenous informants were interviewed. The results pointed to the interinfluence of the studied varieties and the strong presence of the Portuguese Amazonian lexicon as dominant variety in the Karipuna do Amapá indigenous area.

Keywords: Dialectology; linguistic contact; bilingualism.

1 Introdução

A língua oficial falada no Amapá é o Português, diferente de outras regiões brasileiras que possuem línguas cooficializadas como o Nheengatu, Tukano e Baniwa, no município de São Gabriel da Cachoeira, no Amazonas; o Pomerano em Santa Maria de Jetibá, no Espírito Santo; o Pomerode, em Santa Catarina; e o Guarani em Tacuru, no Mato Grosso do Sul.

¹ Doutor em Letras (Linguística) pela Universidade Federal do Pará-UFPA. Professor na Universidade do Estado do Amapá-UEPA.

No Amapá existem no mínimo quatro variedades faladas, além do Português, como a língua Kheuól, falada por indígenas Galibi-Marworno e Karipuna; a língua Kalinã, por indígenas da etnia Galibi Kalinã; o Parikwaki, pelos Parlikur; e a língua Wajãpi, por indígenas do povo Wajãpi.

O conhecimento dessa realidade linguística desfaz a ideia de monolingüismo e dá voz às comunidades indígenas, quilombolas e surdas. Compreender esse complexo cultural e linguístico do Amapá significa compreender também sua formação sócio-histórica que está entrelaçada pelos diferentes contatos ao longo do tempo. No entanto, a carência de estudos sobre as variedades faladas no Estado tem dificultado o desvelamento desse complexo presente na realidade linguística amapaense.

O presente trabalho, além de contribuir aos estudos linguísticos no Brasil e principalmente no Amapá, mostra-se relevante ao fato de não haver registros de pesquisas no campo da Dialetoлогия Contatual na região do Oiapoque, tendo em vista a necessidade de conhecer as variantes lexicais do português amazônico e de outras variedades, como o Kheuól², falada pelo grupo indígena Karipuna do Amapá.

Neste sentido, o objetivo principal é mostrar a configuração da variação lexical do Português e do Kheuól, variedades linguísticas coexistentes na região do Oiapoque - AP. Trata-se de um recorte da tese de doutorado em andamento, intitulada “Microatlas linguístico (Português-Kheuól) da área indígena do Amapá”. Assim, apresenta-se a seguir uma breve discussão teórica sobre a Dialetoлогия Contatual; os procedimentos metodológicos da pesquisa e alguns resultados preliminares.

2 Dialetoлогия Contatual

As mudanças sociais e geográficas ocorridas nos últimos séculos, além das novas perspectivas científicas, fizeram com que a Dialetoлогия tradicional experimentasse novas abordagens (teóricas e metodológicas) na intenção de suprir as necessidades do campo de pesquisa.

A Dialetoлогия Contatual (DC) é tratada por Altenhofen (2013) e Altenhofen e Thun (2016) como uma Dialetoлогия Pluridimensional e Contatual, baseada no modelo de Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional (DPR) (THUN, 1998). Para compreender o que seria essa DC, é necessário retomar o modelo postulado no final do século XX pelo dialetólogo alemão Harald Thun. A DPR é um modelo passível de adaptações que busca relacionar o espaço monodimensional da variação (variação diatópica) com o espaço pluridimensional (mais de uma dimensão variacional). O autor buscou unir o eixo vertical da variação (sociolinguística) com o eixo horizontal (dialetoлогия tradicional), sistematizando por meio de dimensões e parâmetros.

A DPR busca relacionar diferentes dimensões linguísticas e não linguísticas, como fatores sociais comuns na pesquisa dialetal: sexo, idade e escolaridade. O princípio da *pluridimensionalidade*, presente na DPR, fundamenta-se num conjunto de dimensões e

² Variedade crioula de base francesa guianense.

parâmetros proposto por Thun (2005; 2010), a saber: diatópica, diatópica-cinética, diastrática, diageracional, diassexual, diafásica, diarreferencial, diarreligiosa, diamésica e dialingual, conforme explica o quadro a seguir.

Quadro 01 – Dimensões e parâmetros da Dialetoologia Pluridimensional e Relacional

DIMENSÃO	PARÂMETRO
Diatópica	Topostático (informantes em residência fixa)
Diatópica-cinética	Contraste entre informantes topostáticos e topodinâmicos, o último tendo mudado recentemente de residência
Diastrática	Classe sociocultural
Diageracional	Faixa etária
Diassexual	Homem ou mulher
Dialingual	Duas ou mais línguas faladas por grupos étnicos diferentes
Diafásica	Estilo (resposta espontânea, leitura e conversa livre)
Diarreferencial	Diferenças entre a fala objetiva, a forma e a metalinguagem.
Diarreligiosa	Religião do informante
Diamésica	Contraste entre a língua escrita e a língua falada

Fonte: Thun (2010, p. 514).

No quadro acima é possível verificar que para cada dimensão há parâmetros ou critérios para a pesquisa dialetal. Alguns deles adaptados conforme o objetivo do estudo. Por exemplo, na dimensão diatópica tem-se o parâmetro topostático, isto é, informantes com residência fixa. Na dimensão diatópica-cinética, o parâmetro consiste em contrastar informantes topostático (informantes fixos) e topodinâmicos (informantes migrantes). Na dimensão diastrática, tem-se a classe sociocultural, ou seja, o nível de escolaridade do informante ou a condição econômica, classe baixa ou classe alta. E assim por diante, cada dimensão e parâmetro dependerá do objetivo traçado pelo pesquisador.

Thun (2005) explica o modelo DPR, defendendo que o propósito combinar a Dialetoologia tradicional com a Sociolinguística. O autor considera a DPR como uma ciência geral da variação linguística, pois parte do princípio de que o estudo variacionista monodimensional ou bidimensional deve ser estendido ao espaço tridimensional, combinando o eixo horizontal da Dialetoologia com o eixo vertical da Sociolinguística.

Daí a necessidade de eleger o termo *Dialetoologia* como o mais adequado para se estudar a *espacialidade*, *socialidade* e *temporalidade* da variação, como argumentam Altenhofen e Thun (2016):

Vale ressaltar que ambos os planos, da socialidade e da espacialidade, aos quais se inclui ainda o plano da temporalidade (dimensão diacrônica, cf. THUN, 2009b), não se excluem mutuamente, pela razão simples de que não existe espaço sem sociedade, como também não existe sociedade sem espaço. O que deve ser resultado, portanto, é que o termo Geolinguística implica tanto a noção de sociedade, quanto o termo Sociolinguística pressupõe determinado recorte do espaço geográfico. Parece-nos, porém, que o termo Dialetoologia se oferece como um termo mais conciliador do que

Sociolinguística ou Geolinguística [Pluridimensional], no sentido geral de que busca descrever e compreender a variação linguística na sociedade com a observação do espaço geográfico sem primazia de um ou outro eixo, mas de forma equânime e integrada (ALTENHOFEN; THUN, 2016, p. 375-376).

As bases metodológicas e a intersecção epistemológica da Dialetoologia e da Sociolinguística favoreceram a construção do modelo de DPR e posteriormente da Dialetoologia Relacional e Contatual (DRC), que tem como objetivo principal combinar *espacialidade* e *socialidade*.

Essa postulação implica novas mudanças no saber/fazer dialetológico, pois parte do princípio de que se há uma nova configuração geográfica e social no mundo não se pode continuar a aplicar um modelo de Dialetoologia tradicional sem se atentar para as novas necessidades da pesquisa e dos fenômenos linguísticos. Isso não quer dizer que o método e a técnica usados pela Dialetoologia tradicional estejam obsoletos, mas requer do pesquisador reflexão sobre a *espacialidade* e *socialidade* de seu objeto de estudo. Deve-se perguntar até que ponto a aplicação do método geolinguístico, sob uma perspectiva monodimensional ou bidimensional, cumprirá os objetivos da pesquisa, e se tal aplicação dará conta de explicar os fenômenos variacionistas de um determinado grupo social que ocupa um determinado espaço geográfico.

Com base nessas mudanças observadas na sociedade contemporânea e na necessidade de adaptação da Dialetoologia, Altenhofen e Thun (2016) assumem premissas para uma pesquisa dialetológica que contemple essa nova configuração geográfica e social. No total são sete premissas³, que dizem respeito à mobilidade espacial e social do falante, o constante contato com outras variedades e ao processo de urbanização relacionado à migração e aos contatos linguísticos.

Conforme as premissas levantadas pelos autores, ratifica-se a necessidade de uma abordagem dialetológica brasileira voltada para os contatos linguísticos, sobretudo para as variedades minoritárias em/de contato com o Português. Assim, consideram-se, dentro do modelo de DPR, as dimensões diatópica-cinética e dialingual, como substanciais e circunscritas em uma Dialetoologia Contatual.

Contudo, é preciso criar uma mentalidade dialetológica, no sentido *strictu*, entre os pesquisadores da área, isto é, além de conceber a importância de descrever e de mapear as variedades linguísticas e suas variantes faladas no Brasil, é preciso se conscientizar e acompanhar as mudanças sociais e geográficas no país.

Conforme a orientação teórica e metodológica da Dialetoologia Contatual, o que deve prevalecer é o estudo da variedade falada em/de contato com outras variedades, tanto em contextos monolíngues como em contextos plurilíngues, levando em consideração a complexidade das sociedades modernas, como a mobilidade dos falantes, os possíveis contextos de interação, a variação em espaços rurbanos, além da correlação dos fenômenos variacionais com a realidade geográfica, histórica e sociocultural do falante.

A pesquisa dialetal deve reconhecer e inserir em sua base metodológica a forte

³ Altenhofen e Thun (2016, p. 372-374).

influência dos movimentos (i)migratórios que ocorreram/ocorrem nas diversas regiões do Brasil, fator esse que consequentemente está atrelado aos contatos linguísticos e socioculturais entre grupos étnicos diferentes. Sobre esses movimentos, cita-se como exemplo, o caso do Estado do Amapá que na década de 1950 e na de 1990 recebeu um grande número de migrantes da região Nordeste e de cidades interioranas do Estado do Pará. Nesses dois períodos, a população migrante foi atraída pela oferta de empregos oferecida pelas mineradoras e fábricas de celulose instaladas no Estado. Outra situação que reflete esse processo migratório, diz respeito à região do Oiapoque que recebeu, e continua recebendo, pessoas oriundas da Guiana Francesa e cidades adjacentes.

Com isso, é comum observar falantes de línguas crioulas de base francesa no Oiapoque convivendo com as variedades do português e das línguas indígenas que ali coexistem. Em cidades como Tartarugalzinho e Pedra Branca do Amaparí, por exemplo, concentram-se muitos nordestinos, e além dos nordestinos, há, nesta última cidade, um grande fluxo de indígenas da etnia Wajãpi, devido à localização da Terra Indígena desse grupo. Por outro lado, na cidade de Santana sua população é caracterizada por pessoas advindas das ilhas paraenses, sendo comum encontrar pessoas oriundas das cidades de Afuá, de Breves, de Chaves e de Almeirim.

Esse cenário histórico e social do Amapá, para uma Dialetoologia tradicional, seria inapropriado, por pressupor que naquela região não seria possível encontrar informantes nativos ou que não tenham sofrido nenhum tipo de contato, logo seria impossível delimitar áreas dialetais⁴. Mas para a Dialetoologia Contatual, como foi explicitado anteriormente, é o cenário ideal por fornecer aspectos dessa nova configuração do espaço social e geográfico. Por isso, ratifica-se que a dialetoologia moderna não pode descrever ou mapear as variedades linguísticas sem considerar as mudanças sócio-políticas do espaço físico ocupado pelo falante que também é atingido por essas transformações.

Uma vez concebido a *espacialidade* e a *socialidade* como aspectos elementares para uma Dialetoologia Contatual, é preciso também entender que os processos (i)migratórios e os contatos linguísticos são indissociáveis; e, para que esses fatores não sejam usados na DC apenas como um pretexto para justificar os avanços da área, Altenhofen e Thun (2016) sugerem quatro procedimentos de pesquisa, identificados a partir de estudos macroanalíticos:

- a) a **condição de migração** (estado migratório, inerente a línguas/complexos variacionais em contato e em movimento); b) as características do **espaço migratório**; c) os fatores que determinam sua **direcionalidade e percurso**, ou que moldam o caminho ou trajetória migratória; assim como também d) aspectos ligados à **temporalidade** do fluxo migratório, representam um passo importante nesse sentido. (ALTENHOFEN; THUN, 2016, p. 392, grifo do autor).

Neste sentido, o pesquisador precisa verificar a condição de migração, as características do espaço migratório, o percurso feito pelo movimento migratório e o tempo correspondente a

⁴ Essa hipótese pode ser confirmada a partir dos dados do Atlas Linguístico do Amapá (RAZKY; RIBEIRO; SANCHES, 2017).

esse movimento. Tais procedimentos poderão ajudar a caracterizar a *espacialidade*, a *socialidade* e a *temporalidade* das variedades linguísticas complexas em contato e de contato.

Com base na fundamentação da DC, observa-se que os estudos geolinguísticos, considerando os aspectos contatuais e de migração, ganharam impulso no Brasil a partir da contribuição de quatro projetos de atlas linguísticos. Três atlas abrangendo a área fronteiriça e um atlas regional brasileiro. No caso dos três primeiros estão: o Atlas Linguístico Diatópico y Diastrático del Uruguay (ADDU-Norte), o Atlas Linguístico Guaraní-Românico (ALGR) e o Atlas Linguístico-Contatual das minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch (ALMA-H), conhecidos como “trilogia rio-platense”. Já sobre o atlas regional, cita-se o Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS).

Sobre a “trilogia rio-platense”, cada um desses atlas ocupa-se de verificar um tipo específico de contato linguístico. O ALMA-H trata do contato entre uma língua minoritária de imigração alemã (hunsriqueano) e as línguas oficiais românicas (português e espanhol). O ADDU-Norte aborda o contato entre duas línguas oficiais românicas (português e espanhol). E o ALGR contempla o contato entre uma língua minoritária autóctone (guarani) e as línguas oficiais românicas (espanhol e português). Já o Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS) foi um projeto idealizado por Walter Koch e colaboradores, na década de 1980, sendo considerado o primeiro e único atlas brasileiro que contempla toda uma região, especialmente a região Sul, formada pelos Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. A princípio, o ALERS parece não caracterizar nenhum aspecto referente a um atlas contatual, mas traz em sua metodologia, como ressaltam Altenhofen e Thun (2016, p. 371, grifo do autor), “uma orientação dialingual, na medida em que distingue o português falado pela população rural menos escolarizada de localidades monolíngues e bilíngues, com presença, sobretudo de falantes alemão, italiano e polonês, onde se configura um *português de contato*”.

Esses quatro atlas linguísticos apresentados acima podem ser considerados um marco na história da Dialetoлогия Latino-Americana, por acrescentarem à geolinguística dimensões até então não exploradas pela Dialetoлогия moderna. São traços que correspondem à dinâmica social e geográfica das sociedades contemporâneas e que exploram variedades faladas para além da área rural, como áreas urbanas, de fronteiras, indígenas, quilombolas e de migração. Em suma, essas áreas de contato e em contato, caracterizam o espaço pluridimensional da variação, temática que vem sendo explorada em teses, dissertações e em projetos de atlas linguísticos em andamento.

A seguir, apresentam-se as orientações metodológicas adotadas para o mapeamento da variação lexical do Português e do Kheuól, variedades faladas pelo povo indígena Karipuna do Amapá.

3 Percorso metodológico

Os procedimentos metodológicos apresentados aqui seguem o mesmo protocolo utilizado para a elaboração do “Microatlas linguístico (Português-Kheuól) da área indígena do Amapá”.

A seleção dos pontos de pesquisa foi feita a partir dos seguintes critérios: i) históricos; ii)

socioculturais; iii) contato linguístico; iv) tempo de existência das localidades; v) localização geográfica; vi) e o número de falantes do Português-Kheúól. Deste modo, foram selecionadas nove aldeias indígenas Karipuna localizadas em três Terras Indígenas (TI), no extremo norte do Estado do Amapá. O quadro a seguir indica o nome das localidades, número de falantes e a Terra Indígena (TI) habitada.

Quadro 02 - Comunidades indígenas pesquisadas

ALDEIA	LOCALIZAÇÃO	TERRA INDÍGENA	POPULAÇÃO
1. Manga	Rio Curipi	Uaçá	1014
2. Espírito Santo	Rio Curipi	Uaçá	602
3. Santa Izabel	Rio Curipi	Uaçá	371
4. Açaizal	Rio Curipi	Uaçá	118
5. Kunaná	Igarapé Juminã	Juminã	96
6. Ariramba	Rio Oiapoque	Galibi	88
7. Ahumã	BR 156	Uaçá	78
8. Curipi	BR 156	Uaçá	64
9. Kariá	BR 156	Uaçá	47

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados da FUNA/Macapá (2017).

Os dados acima expressam somente as comunidades pesquisadas e o número de indígenas em cada uma delas. No entanto, presume-se que há um total de aproximadamente 2.000 indígenas falantes do *Kheúól*, considerando os graus de bilinguagem entre eles e acrescentando os indígenas do grupo Galibi-Marworno, também falantes desta língua.

Para escolha dos informantes, foram selecionados 36 falantes indígenas Karipuna estratificados socialmente, ou seja, para cada localidade obteve-se quatro informantes: um homem e uma mulher de 18 a 30 anos; e um homem e uma mulher acima de 50 anos. Estes foram divididos em dois grupos: sexo (homens e mulheres) e idade (os de primeira faixa etária entre 18 a 30 anos; e os de segunda faixa etária acima de 50), conforme o quadro abaixo:

Quadro 03 - Perfil dos informantes

INFORMANTES	IDADE	SEXO
01 indígena bilíngue	18-30 anos	MASCULINO
01 indígena bilíngue	18-30 anos	FEMININO
01 indígena bilíngue	Acima de 50 anos	MASCULINO
01 indígena bilíngue	Acima de 50 anos	FEMININO

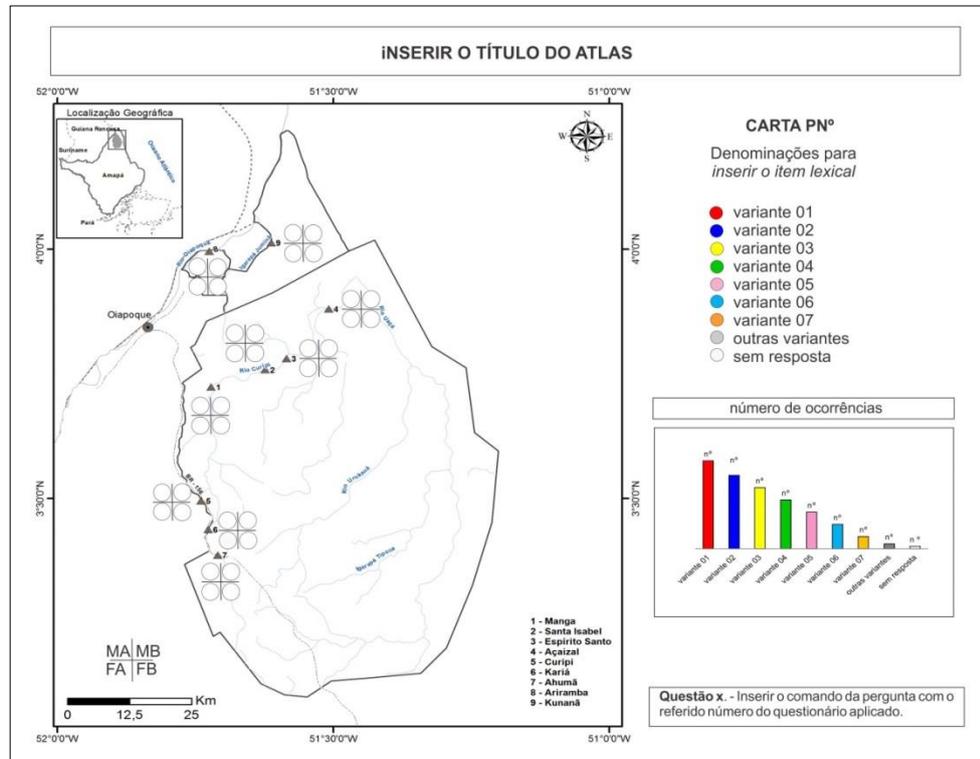
Fonte: Elaborado pelo autor.

Em relação à documentação dos dados, foram utilizados três instrumentos de pesquisa, o primeiro corresponde à ficha do informante; o segundo ao questionário sociolinguístico do projeto Atlas Linguístico do Português falados em Área Indígena (ALiPAI); e o terceiro ao Questionário Semântico-Lexical do projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), este último foi adaptado para atender às necessidades do contexto da pesquisa.

Os dados coletados foram apresentados em arquivos de áudio formato MP3 e tratados com auxílio do programa computacional *Audacity*. Após a organização dos dados necessários foi iniciado o processo de produção das cartas linguísticas com o auxílio do *soft Corel DRAWX8*.

A seguir apresenta-se a base cartográfica, figura 01, utilizada para o mapeamento lexical. Trata-se de uma carta explicativa para a leitura das cartas lexicais apresentadas na próxima seção.

Figura 01 – Base cartográfica



Fonte: Elaborada pelo autor.

Conforme a figura 01, para a leitura das cartas lexicais, adotou-se o seguinte esquema de convenções:

- i. Na parte superior centralizado, localiza-se o título do atlas;
- ii. Do lado direito, abaixo do título, indica-se o tipo, variedade e número da carta. Por exemplo, *CARTA P01*, a letra P indica que é uma carta lexical que apresenta variantes do português e 01 que se trata da primeira carta. O mesmo acontece na *CARTA K01*. A letra K indica as variantes lexicais do kheuó;
- iii. Do lado superior à direita, abaixo do tipo e sequência da carta, elencam-se as variantes lexicais de acordo com o grau de ocorrência seguido do número de ocorrência para cada variante. Para simplificação da leitura dos dados, o mapeamento contempla até sete variantes mais recorrentes com suas respectivas cores em forma de círculo, sendo que a ordem das cores segue a ordem das ocorrências (da variante mais frequente a menos frequente).

As cores foram selecionadas de acordo com o sistema RGB⁵ (sistema de cores), e com base nas convenções adotadas para o Atlas Linguístico do Amapá (ALAP). Como apresenta o quadro abaixo.

⁵RGB é um sistema de cores aditivo que representa a mistura de luz, em oposição ao subtrativo CMYK, que

Tabela 01 – Representação por cores para respostas e não resposta

CORES	R	G	B
variante 01	255	0	0
variante 02	0	0	255
variante 03	255	255	0
variante 04	0	200	0
variante 05	248	150	201
variante 06	0	176	240
variante 07	255	192	0
outras variantes	204	204	204
sem resposta	255	255	255

Fonte: Elaborado pelo autor.

iv. Ainda do lado direito, abaixo da convenção de cores para as variantes, apresenta-se o número de ocorrências em forma de gráfico, representando as variantes lexicais, outras variantes (se houver) e sem resposta (se houver).

v. Abaixo do gráfico constam as respectivas perguntas enumeradas, referentes ao questionário aplicado;

vi. Na parte central, apresenta-se a base cartográfica com os nove pontos de inquérito, numerados e com seus respectivos nomes, localizados na parte inferior, do lado direito;

vii. Do lado esquerdo, na parte inferior, consta a cruz de estratificação que identifica o perfil do informante, bem como: MA = Homem de 18-30 anos; MB = Homem acima de 50 anos; FA = Mulher de 18-30 anos; FB = Mulher acima de 50 anos;

viii. Do lado dos pontos de inquérito, estão dispostas as cruces de estratificação com os símbolos em forma de círculo, preenchidas com cores e assinalando a variante lexical mencionado pelo informante.

4 Variação lexical do português e do kheuól em área indígena

Para a análise da configuração da variação lexical do português e do kheuól, variedades faladas pelos Karipuna do Amapá, foram selecionados três itens lexicais que fazem parte do *corpus* do projeto de tese “Microatlas linguístico (Português-Kheuól) da área indígena do Amapá”. Os itens selecionados foram: *carrinho de mão*, *mutum* e *tramela*. Vale ressaltar que serão usadas, constantemente, as seguintes abreviações: *PT* indicando o português e *KH* indicando o kheuól.

Em relação ao item *carrinho de mão*, a questão versava sobre as designações para “um veículo de uma roda, empurrado por uma pessoa, para pequenas cargas em trechos curtos”. As

representa mistura de pigmentos. No sistema RGB, cada cor é definida pela quantidade de vermelho, verde e azul que a compõem.

respostas em PT foram categóricas, todos os informantes disseram usar *carrinho de mão* ou *carro de mão*. Já em KH, as repostas foram: *buhet* (*buhek*, *boheta*), *carrinho de mão*, *velo lame* e *loto*.

Tabela 02 – Ocorrências para o item *carrinho de mão* em KH: faixa etária
RESPOSTAS E NÃO RESPOSTAS FAIXA ETÁRIA

	FAIXA ETÁRIA	
	I	II
buhet (buhek, boheta)	10	14
carrinho de mão	3	2
velo lame	-	1
loto	1	2
não resposta	4	-

Fonte: Elaborado pelo autor.

Tabela 03 – Ocorrências para o item *carrinho de mão* em KH: sexo
RESPOSTAS E NÃO RESPOSTAS SEXO

	SEXO	
	HOMEM	MULHER
buhet (buhek, boheta)	13	11
carrinho de mão	2	3
velo lame	1	-
loto	1	2
não resposta	1	3

Fonte: Elaborado pelo autor.

As tabelas 02 e 03 permitem visualizar que *buhet* (*buhek*, *boheta*) foi a variante mais mencionada, com 24 ocorrências e com certa predominância na fala dos informantes da II faixa etária e do sexo masculino; *loto* ocorreu na fala de ambas as faixas etárias e sexos; *velo lame* apareceu uma vez na fala dos informantes da II faixa etária e do sexo masculino; *carrinho de mão* também foi mencionado em KH, tratando-se aqui de um empréstimo lexical do português, como explica o informante 03MB:

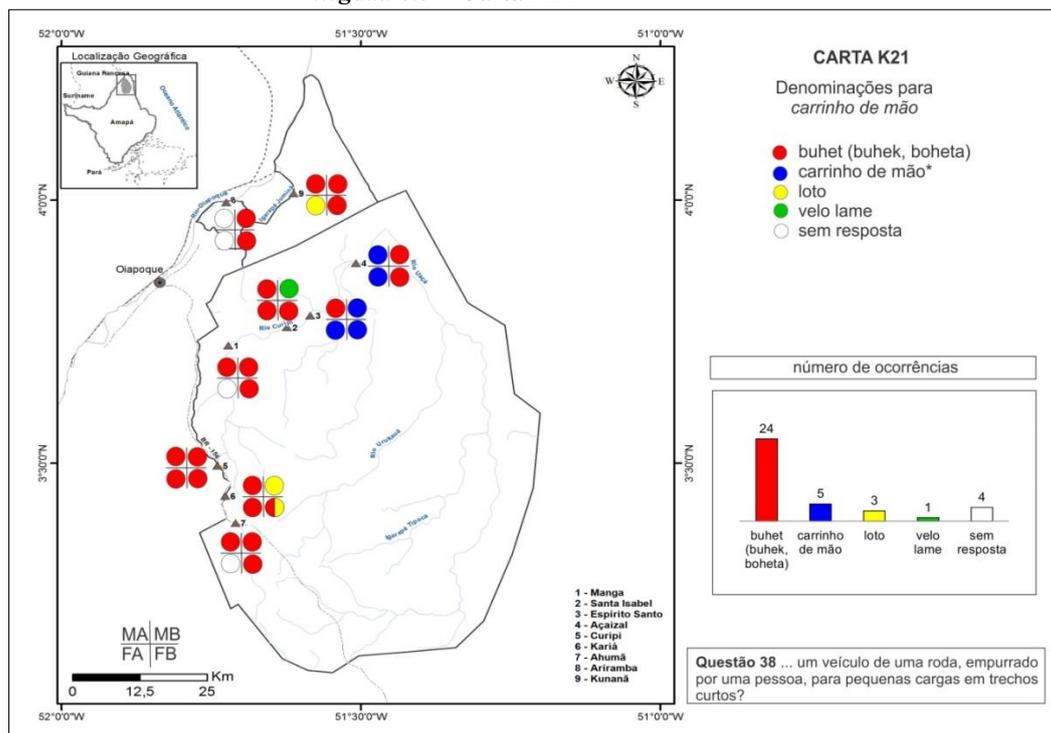
INQ. – E esse veículo com uma roda, que a gente carrega areia?

INF. – Esse aí é *carrinho de mão* né?!

INQ. – E como é na língua?

INF. – É *carrinho de mão* mesmo.

A carta K21 (figura 02) mostra que *buhet* (*buhek*, *boheta*) ocorreu em todas as localidades e com maior frequência no ponto 05; *carrinho de mão* apareceu nos pontos 03 e 04; *loto* foi registrado no ponto 06 e 09; e *velo lame* somente no ponto 02. Na carta também é possível notar o número de *não respostas* nos pontos 01, 07 e 08, correspondentes aos informantes da I primeira faixa etária.

Figura 02 – Carta K21: *carrinho de mão*

Fonte: Elaborada pelo autor.

Para o item *mutum* a pergunta buscava saber as denominações para “aquela ave parecida com uma galinha, de cor preta e bico amarelado”. As respostas obtidas em PT também foram categóricas, todos os informantes mencionaram a variante lexical *mutum*. Já em KH foram mencionadas *oko* e *mutõ*. No caso da variante *mutõ*, tem-se como hipótese a inserção desta lexia no vocabulário KH, neste caso, pode ser tratada como empréstimo do português falado no Amapá, tendo em vista que só foi mencionada por informantes jovens, como mostram os dados a seguir.

A tabela 04 mostra que *oko* foi a variante mais frequente, seguido de *mutõ*. A variável faixa etária parece influenciar na realização das variantes *oko* e *mutõ*. No caso de *oko*, foi mencionada 17 vezes por informantes da II faixa etária e 11 vezes por informantes da I faixa etária. Já *mutõ* foi mencionada somente na fala dos informantes de I faixa etária.

Tabela 04 – Ocorrências para o item *mutum* em KH: faixa etária
RESPOSTAS E NÃO RESPOSTAS FAIXA ETÁRIA

	FAIXA ETÁRIA	
	I	II
oko	11	17
mutõ	4	-
não resposta	5	1

Fonte: Elaborado pelo autor.

Em relação à dimensão diasssexual, a tabela 05 mostra que as variantes lexicais não apresentam influência do fator sexo, mantendo-se estável.

Tabela 05 – Ocorrências para o item *mutum* em KH: sexo
RESPOSTAS E NÃO RESPOSTAS

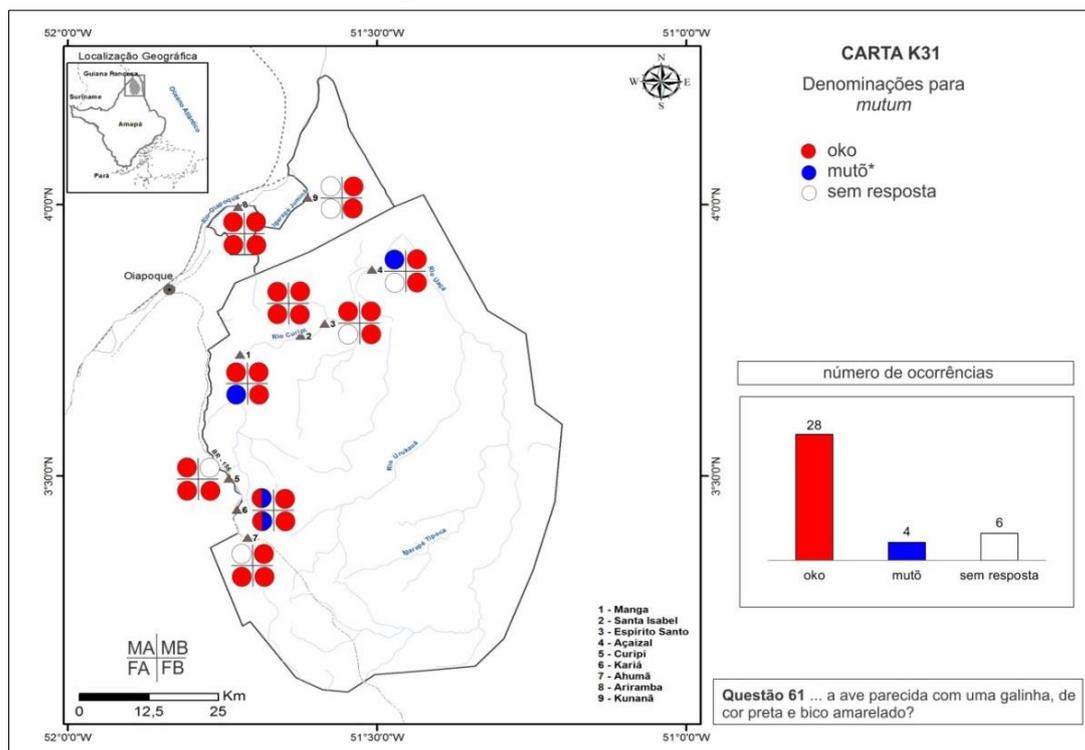
	SEXO	
	HOMEM	MULHER
oko	14	14
mutõ	2	2
não resposta	3	3

Fonte: Elaborado pelo autor.

Outra questão a ser apontada na tabela 04 são os índices de não resposta, podendo estar sendo influenciado pela variável faixa etária em que o grau de não resposta aparece com cinco ocorrências na fala dos informantes da I faixa etária e uma ocorrência na fala dos da II faixa etária.

A carta K31 (figura 03) mostra que a variante *oko* ocorreu em todos os pontos pesquisados, diferente da variante *mutõ* que ocorreu somente nos pontos 01, 04 e 06.

Figura 03 – Carta K31: *mutum*



Fonte: Elaborada pelo autor.

No que tange ao item lexical *tramela*, a pergunta buscava saber como os indígenas Karipuna chamam para “aquela pecinha de madeira que gira ao redor de um prego, para fechar porta ou janela”. As respostas obtidas em PT foram: *trinco(a)*, *tramela*, *fechadura* e *tranca*. No caso das respostas em KH registrou-se: *tramel*, *lakle*, *txibua*, *fome kaz bua*, *tranca* e *txihip*.

A tabela 06 mostra as variantes lexicais para *tramela* em PT conforme a faixa etária dos informantes. Nela pode-se ver que as variantes *trinco(a)* e *fechadura* foram as mais mencionadas na fala dos informantes da I faixa etária e as variantes *tramela* e *tranca* ocorreram somente na

fala dos informantes da II faixa etária.

Tabela 06 – Ocorrências para o item *tramela* em PT: faixa etária
RESPOSTAS E NÃO RESPOSTAS FAIXA ETÁRIA

	FAIXA ETÁRIA	
	I	II
trinco(a)	13	8
tramela	-	8
fechadura	5	3
tranca	-	1
não resposta	1	-

Fonte: Elaborado pelo autor.

No caso da variável sexo, a tabela 07 mostra que a variante *trinco(a)* aparece de forma estável, não havendo influência do fator sexo. Já *tramela* e *fechadura* se apresentam com certa influência na fala dos informantes do sexo feminino; e *tranca* ocorreu somente uma única vez na fala de um informante do sexo masculino.

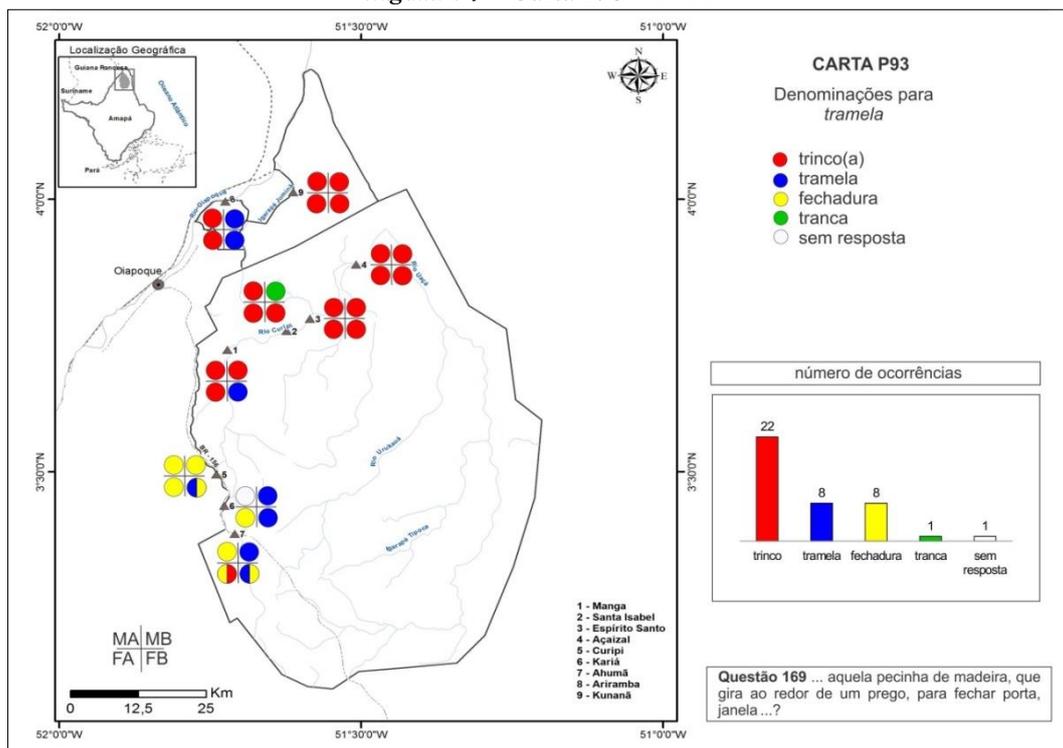
Tabela 07 – Ocorrências para o item *tramela* em PT: sexo
RESPOSTAS E NÃO RESPOSTAS SEXO

	SEXO	
	HOMEM	MULHER
trinco(a)	10	11
tramela	3	5
fechadura	3	5
tranca	1	-
não resposta	1	-

Fonte: Elaborado pelo autor.

A carta P23 (figura 04) aponta a variação diatópica das variantes *trinco(a)*, *tramela* e *fechadura*. A primeira está concentrada nas aldeias que ficam localizadas mais ao norte da região do Oiapoque, seguindo o curso do rio Curipi (nos pontos 01, 02, 03 e 04) e do rio Oiapoque (08 e 09). Já as variantes *tramela* e *fechadura* aparecem de maneira concentrada nas aldeias localizadas na BR-156. Ressalta-se que a variante *tramela* também ocorreu nos pontos 01 e 08.

Figura 04 – Carta P93: *tramela*



Fonte: elaborada pelo autor.

A tabela 08 apresenta as denominações para *tramela* em KH conforme a faixa etária. A variante *tramel*, *txibua*, *tranca* e *txihip* ocorreram somente na fala dos informantes da II faixa etária, sendo a primeira registrada com quatro ocorrências, a segunda com duas e as duas últimas com uma ocorrência para cada uma delas. Já as variantes *lakle* e *fome kaz bua* ocorreram na fala dos informantes da I faixa etária. A primeira registrou duas ocorrências e a última uma.

Tabela 08 – Ocorrências para o item *tramela* em KH: faixa etária
RESPOSTAS E NÃO RESPOSTAS

	FAIXA ETÁRIA	
	I	II
tramel	-	4
lakle	2	1
txibua	-	2
fome kaz bua	1	-
tranca	-	1
txihip	-	1
não resposta	15	9

Fonte: Elaborado pelo autor.

A tabela 09 mostra que a variável sexo se apresentou de modo estável diante das variantes lexicais para designar o item *tramela*.

Tabela 09 – Ocorrências para o item *tramela* em KH: sexo
RESPOSTAS E NÃO RESPOSTAS

	SEXO	
	HOMEM	MULHER
tramel	2	2
lakle	2	1
txibua	1	1
fome kaz bua	1	-
tranca	1	-
txihip	-	1
não resposta	11	13

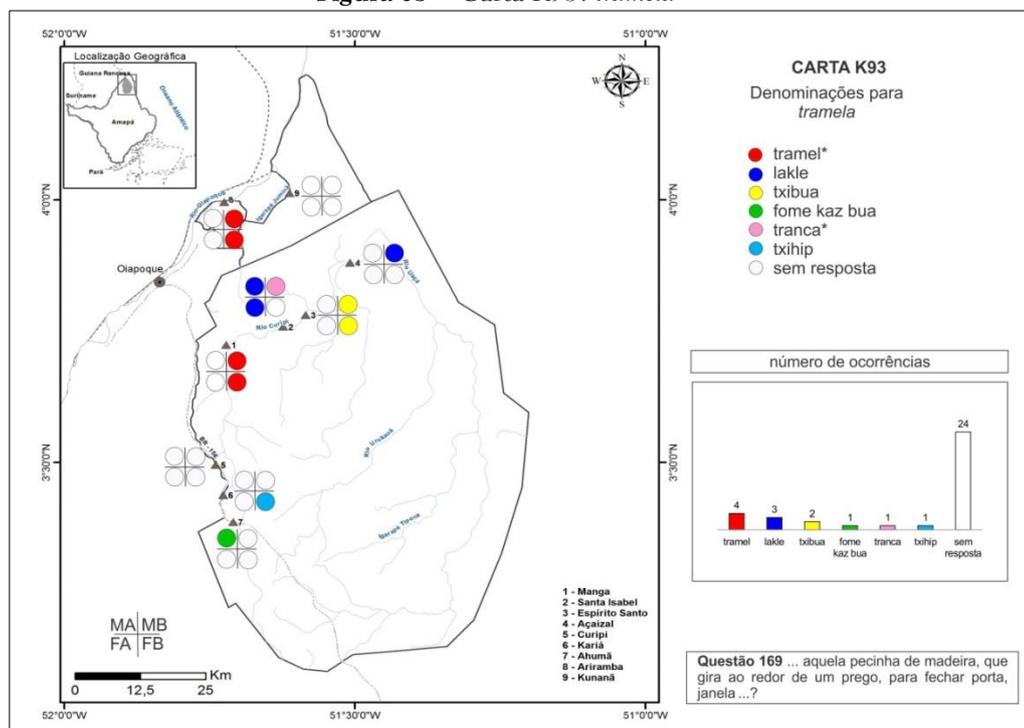
Fonte: Elaborado pelo autor.

Com base na tabela 08 e 09 também foi possível notar o alto índice de não resposta para o referido item lexical, registrando 24 ocorrências. Quando comparadas as tabelas correspondentes às variáveis faixa etária e sexo percebe-se que há certa predominância de não resposta na fala dos informantes de I faixa etária e do sexo feminino.

A carta K93 (figura 05) apresenta as variantes lexicais em KH por localidade. Nela é possível verificar que *tramel* ocorreu nos pontos 01 e 08; *lakle* nos pontos 02 e 04; *txibua* no ponto 03; *fome kaz bua* no ponto 07; *tranca* no ponto 02; e *txihip* no ponto 06.

Vale ressaltar que a ocorrência de *tranca* pode ser considerada aqui como empréstimo lexical do PT, haja vista que o informante 02MB (informante masculino, da II faixa etária) usa a mesma lexia do PT em KH. A variante *tranca* também já foi mapeada no português falado no Amapá, sobretudo na região do Oiapoque, como consta no Atlas Linguístico do Amapá (RAZKY; RIBEIRO; SANCHES, 2017, p. 192).

Figura 05 – Carta K93: *tramela*



Fonte: Elaborada pelo autor.

Os resultados apresentados acima evidenciam, mesmo que de forma preliminar, como vem se configurando o português e o kheuól falados por indígenas brasileiros em área de fronteira.

5 Considerações finais

Os dados lexicais descritos aqui numa perspectiva variacionista e dialetal mostram algumas influências de dimensões extralinguísticas sob o uso do léxico em PT e KH. No caso da dimensão diatópica foi possível notar (cf. fig. 04) que a variante *trinco(a)* está concentrada mais ao norte da região do Oiapoque-AP e as variantes *tramela* e *fechadura* mais ao sul. Em relação à dimensão diageracional (cf. fig. 03), a variante *mutô*, por exemplo, ocorreu somente na fala dos informantes jovens, ressaltando também que o índice de não respostas para este item lexical foi bastante recorrente na fala deste grupo, podendo indicar o enfraquecimento do KH, na condição de L1, por parte dos falantes jovens. A dimensão diassexual manteve-se estável, apresentando pouca influência em relação aos usos lexicais em PT e em KH, exceto para as variantes *tramela* e *fechadura* em que houve uma maior frequência na fala de informantes do sexo feminino. Já para a dimensão dialingual, os dados apresentam aspectos de interinfluência lexical (cf. fig. 03, 04 e 06), ou seja, lexias do PT sendo usadas em KH como *carrinho de mão* e *tranca*, além daquelas lexias que foram adaptadas fonologicamente ao léxico do KH como é o caso de *mutum* > *mutô*.

Com base nessa amostra dos dados lexicais, os resultados reforçam a ideia de que o português brasileiro, cada vez mais, tem se intensificado e atuado como variedade dominante em relação às variedades minoritárias ainda faladas no Brasil. Essa situação já se observa na área indígena Karipuna do Amapá, onde o uso do português é predominante em boa parte das aldeias Karipuna⁶.

Referências

- ALTENHOFEN, C. V. Migrações e contatos linguísticos na perspectiva da geolinguística pluridimensional e contatual. *Revista de Letras, Sinop*, n. 12, v. 6, 2013.
- ALTENHOFEN, C. V.; THUN, H. As migrações e os contatos linguísticos na geografia linguística do Sul do Brasil Bacia do Prata. In: AGUILERA, V. A.; ROMANO, V. P. *A Geolinguística no Brasil: caminhos percorridos, horizontes alcançados*. Londrina: EdueL, 2016.
- DIETRICH, W.; THUN, H.; SYMEONIDIS, H.; AQUINO, A. Atlas Linguístico Guaraní-Românico. Tomo 1: Léxico del cuerpo humano (Dialectología pluridimensionalis Románica). *Revista Internacional de Linguística Iberoamericana* v. 8, Miscelânea de linguística ibero-americana, pp. 239-242, 2010.
- KOCH, W.; ALTENHOFEN, C.; KLASSMANN, M. (org.). *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS): Cartas Semântico-Lexicais*. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis:

⁶ Ver Sanches (2019).

Editora da UFSC, 2011 [2002].

RAZKY, A.; RIBEIRO, C. M. da R.; SANCHES, R. *Atlas Linguístico do Amapá*. São Paulo: Labrador, 2017.

RODRIGUES, A. D. *Línguas indígenas brasileiras*. Brasília, DF: Laboratório de Línguas Indígenas da UnB, 2013. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/lali/>>. Acesso em: 01 de jun. 2018.

SANCHES, R. D. Bilinguismo entre os Karipuna do Amapá numa perspectiva geolinguística. In: OLIVEIRA, E. S.; VASCONCELOS, E. A.; SANCHES, R. D. (orgs.). *Estudos Linguísticos na Amazônia*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019.

THUN, H. A dialetolegia pluridimensional no Rio da Prata. In: ZILLES, A. M. S. (org.). *Estudos de variação linguística no Brasil e no Cone Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

THUN, H. La geolinguística como lingüística variacional general (con ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). Congreso Internazionale Di Linguistica e Filologia Romanza, 21, 1995, Palermo. In: RUFFINO, G. (org.). *Atti*. Tübingen: Niemeyer, 1998.

THUN, H. Variety complexes in contact: A study on Uruguayan and Brazilian Fronterizo. In: AUER, P.; SCHMIDT, E. (eds.). *Language and space: An International Handbook of Linguistic Variation*. Vol. 1: Theories and methods. Berlin: De Gruyter Mouton, 2010.

THUN, H.; FORTE, C. E.; ELIZAINCÍN, A. *El Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay (ADDU)*. Presentación de un proyecto. *Iberoromania*, 30: 26-61, 1989.

Recebido em: 25/09/2019

Aceito em: 19/11/2019